

AS RELAÇÕES FAMILIARES NA OBRA A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS

FAMILY RELATIONSHIPS IN THE NOVEL A CASA, BY NATÉRCIA CAMPOS

Luciana Bessa Silvaⁱ
Yls Rabelo Câmaraⁱⁱ

Resumo: Ser escritora e não nascer ou viver no eixo Sul-Sudeste pressupõe ter sua obra recebida de maneira morna e colocada em um lugar bastante menos privilegiado no Cânone Literário Brasileiro. Foi isso o que aconteceu com várias belettristas nordestinas – como Natércia Campos, que estreou na Literatura com *Iluminuras* (1988), coletânea de contos premiada na 4ª Bial Nestlé de Literatura Brasileira. Em seguida, outras obras e premiações: *Camões e Cervantes* (1998), *Noite das Fogueiras* (1998), *A Casa* (1999) e *Caminho das Águas* (2001). Único romance da escritora, laureado com o Prêmio Osmundo Pontes, *A Casa*, é uma narrativa em primeira pessoa que descreve sua história e assume a condição de espaço, narradora e personagem que fala de si e das relações familiares dos moradores que a habitaram. Nosso foco se destina a refletir sobre tais relações, marcadas por elementos ambíguos como encontros/desencontros; alegrias/tristezas; barulhos/silêncios amor/ódio. Trata-se de um trabalho bibliográfico-descritivo baseado nas investigações de Almeida (1987), Ariès (1978) e Del Priori (2002 e 2003), entre outras e outros. Concluímos que as relações familiares em *A Casa* são marcadas por feridas narcísicas e silenciamentos forçados, na vã tentativa de “apagar” manchas, ou simplesmente porque as/os envolvidas/os não sabem lidar com situações conflitantes.

Palavras-chave: Relações Familiares; Conflitos; Silenciamento; *A Casa*.

Abstract: *Being a female writer and not being born or living in the South-Southeast axis presupposes having your work received in a lukewarm manner and placed in a much less privileged place in the Brazilian Literary Canon. This is what happened to several Northeastern female belletrists – such as Natércia Campos, who debuted in Literature with Iluminuras (1988), a collection of short stories awarded at the 4th Nestlé Biennial of Brazilian Literature. Then, other works and awards: Camões e Cervantes (1998), Noite das Fogueiras (1998), A Casa (1999) and Caminho das Águas (2001). The only novel by the writer, winner of the Osmundo Pontes Prize, A Casa, is a first-person narrative that describes its history and assumes the condition of space, narrator and character which talks about itself and the family relationships of the residents who inhabited it. Our focus is intended to reflect on such relationships, marked by ambiguous elements such as encounters/mismatches; joys/sadness; noises/silences love/hatred. This is a bibliographic-descriptive work based on the investigations of Almeida (1987), Ariès (1978) and Del Priori (2002 e 2003), among others. We conclude that family relationships in A Casa are marked by narcissistic wounds and forced silencing, in a vain attempt to “erase” stains, or simply because the ones involved do not know how to deal with conflicting situations.*

Keywords: *Family Relationships; Conflicts; Silencing; A Casa.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Chefe do Núcleo de Apoio à Divulgação e à Difusão da Extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Cariri (UFCA). *E-mail:* luciana@leaosampaio.edu.br.

ⁱⁱ Doutora e Mestre em Filología Inglesa (Letras – Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* ylscomara@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A História Intelectual tem sido vital para que possamos entender as transformações ocorridas no campo literário, especificamente, em nosso caso, no campo cearense e, dessa forma, analisarmos a participação da mulher ao longo dos tempos, pois pergunta-se: “[...] para que serve a história das mulheres?”. Simplesmente “[...] para fazê-las existir, viver e ser” (Priore, 2002. p. 9). Submissão, opressão e silenciamento marcam as narrativas femininas.

A Literatura, e aqui afunilamos à produzida em solo cearense, tem como base a participação de homens letrados, os bacharéis de áreas variadas, sobretudo Direito e Medicina. Lenta e tardiamente, as mulheres foram conseguindo espaços em revistas e jornais de circulação limitada e com discussões sobre assuntos domésticos. A ideia que se tinha sobre o sexo feminino era a de seres frágeis, restritas ao ambiente doméstico, logo, conhecedoras das temáticas que envolviam o lar.

Para termos uma ideia desse silenciamento imposto às mulheres, é preciso dizer que entre os anos de 1870 e 1900, a capital do estado, Fortaleza, viveu um grande período de efervescência cultural, chegando a ter registros de pelo menos 37 agremiações literárias, segundo o historiador Leonardo Mota (1938). Contudo, somente em 1936, Henriqueta Galeno, filha do poeta Juvenal Galeno, fundou a “Falange Feminina”, uma agremiação literária idealizada nos mesmos moldes de uma Academia de Letras, com 40 patronas, com o objetivo de acolher a intelectualidade feminina do Ceará que até então frequentava o Salão da Casa de Juvenal Galeno na condição de acompanhantes de seus respectivos maridos.

No dia 8 de novembro de 1942, o “Templo Sagrado ou Falange Feminina” tornou-se “Ala Feminina¹”, um dos anexos da Casa de Juvenal Galeno, e as reuniões passaram a acontecer no segundo domingo de cada mês, às 16h. Somente sete anos depois da criação da Ala Feminina, no dia 29 de agosto do ano de 1943, o jornal *O Estado* concedeu uma página, na secção domingueira, “Jornal do Lar”, para que as beletistas pudessem publicar seus trabalhos. A luta por visibilidade tem sido inglória para as mulheres escritoras cearenses.

Fortaleza possui 60 ruas com o nome de escritores cearenses, contudo, apenas seis foram dedicadas às mulheres. São elas: Ana Batista, Ana Facó, Emília Freitas, Henriqueta Galeno, Francisca Clotilde e Nenzinha Galeno. Nem mesmo Raquel de Queiroz, a primeira cearense a

¹ Suas fundadoras foram: Henriqueta Galeno, Júlia Galeno e Cândida Maria Santiago Galeno (Nenzinha Galeno) e as primeiras sócias foram: Vanda Rita Othon Sidou, Eurídice de Sales Pereira, Aglaeda Facó, Lireda Facó, Maria Stela Correia Barbosa, Olívia Sampaio Xavier Rodrigues, Augusta Campos, Heloneida Studart Soares, Suzana Amaral, Geraldina Amaral, Maria de Lourdes Gondim e Fernanda Brito, dentre outras. Disponível em: <http://www.casadejuvenalgaleno.com.br/p/ala-feminina-da-casa-de-juvenal-galeno.html>. Acesso em: 8 nov. 2023.

ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1977, e a receber o Prêmio Camões, em 1994, teve seu nome registrado nas ruas da cidade em que ela nasceu, viveu parte de sua infância e que retratou em alguns de seus romances, como *O Quinze* (1930), *Caminhos de Pedra* (1937) e *Dôra, Doralina* (1975). Ou seja, a dominação masculina se fez presente na Literatura Cearense no século XIX e início do XX. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017) declaram que o início das atividades intelectuais da mulher coincide com o nascimento da Modernidade.

Apresentado um rápido panorama da lacuna que a Literatura, no Ceará, tem oferecido às mulheres que escrevem e publicam literariamente em solo seu, canalizamos o escopo desta pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório para a figura de uma de suas escritoras mais exponenciais, que se dedicou à arte com as palavras no outono de sua breve vida e que o fez com excelência: Natércia Campos.

Nossa proposta aqui, bibliográfico-descritiva, é refletir sobre as relações familiares ocorridas dentro d'A *Casa*. Destarte, este artigo está dividido em duas partes distintas: primeiramente, o Marco Teórico, onde apresentamos brevemente a escritora e seu Magum Opus, e, a seguir, os Resultados e Discussão, onde dissertamos sobre as relações familiares que A *Casa* testemunhou e narra.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 Natércia Campos e sua *chef-d'oeuvre*: uma breve introdução

Natércia Campos, filha de um dos maiores contistas brasileiros, Moreira Campos, nasceu em Fortaleza, na década de 1930, mais precisamente no dia 30 de setembro de 1938. Sua vida é pontuada de feitos singelos e despreziosos que nos chamaram a atenção no Grupo de Estudos Filhas de Avalon² em duas ocasiões especificamente: quando de uma mesa-redonda na qual participamos em um evento da UECE em 2020³, a XXV Semana Universitária, e do

² Grupo de Estudos chancelado pela Universidade Estadual do Ceará e que tem como idealizadora, mentora e líder a Profa. Dra. Yls Rabelo Câmara, Professora Visitante nesta Instituição Superior de Ensino. Nele congregam-se membras e membros de oito países distintos em torno da análise da biografia e fortuna crítica de beletistas nacionais e internacionais, de outrora e de agora. Além de ser uma membresia expressiva em número de participantes, é também extremamente prolífica em quantidade de material acadêmico produzido internamente, em parcerias dentro e fora dos grupos de estudos formados dentro do próprio Grupo de Estudos, dirigidos todos pela líder e unindo diversos saberes à seara da Literatura Produzida por Mulheres (Nota das Autoras).

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bIc85BbFkNw&list=PLXxkjHl4ts0Nktobz4rtdT5qO0dRAAnS5>. Acesso em 28 dez. 2023.

fechamento das aulas-encontros da II Edição, onde Natércia Campos⁴, sua obra e sua fortuna crítica foram apresentadas. Em ambos os momentos, as duas autoras deste trabalho estiveram à frente das apresentações.

Apesar de ler e escrever bastante, nossa fomenageada levou 50 anos para tornar seus textos públicos. Ela estreou na Literatura no ano de 1988, com uma obra de contos intitulada *Iluminuras*, cuja principal característica é o Realismo Fantástico. São 15 textos que trazem à tona um universo mítico e místico de mulheres e homens que, na condição de mãe, pai e prole, vivem dramas e situações misteriosas em ambientes (rurais e marítimos) antigos e lúgubres.

Somente em 1999, Natércia Campos publicou seu primeiro romance, *A Casa*, laureado com o Prêmio Osmundo Pontes no mesmo ano. Casa evoca-nos ambiente de moradia, proteção e segurança. O sonho da maioria dos brasileiros é ter sua casa própria – sinal de bem-aventurança. *A Casa* criada por Natércia Campos vai além desse local de acolhida. Portadora de memória, *A Casa* se assemelha a uma pessoa que nasce (“Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento” [Campos, 2004, p. 7]); aprende a falar (“Tenho o pé-direito bem alto, o que ajuda muito os ventos na sua missão de arejo” [Campos, 2004, p. 8]); recebe um nome (“Na mais serena das horas canônicas, chamaram-me de Trindades. Com o tempo puseram-me o apelido de Casa Grande e assim, de sobrenome [...]” [Campos, 2004, p. 15]); deixa de ser pagã (“[...] fui batizada pela chuva repentina e alvissareira [...]” [Campos, 2004, p. 15]); adquire experiências (“O que vivi no longo tempo que me foi dado tornou-se um infindo ciclo de viventes, gestos, vozes, imagens, atos que surgem imprecisos de suas épocas e gerações” [Campos, 2004, p. 24]); e morre (“A grande barragem será construída em torno deste remanso. A casa irá para o fundo das águas” [Campos, 2004, p. 88]).

A Literatura Brasileira é um espaço privilegiado de representações das relações familiares. Nada como ler autoras como Clarice Lispector – *Laços de Família* (1961) – e tantos outros romances para compreender mais sobre a mulher cisgênero branca, dona de casa, de classe média, que ora se reconhece e ora não se reconhece na condição de esposa, de mãe ou de filha. A família é o primeiro e o principal grupo familiar que nós, seres humanos, integramos. É preciso divisar a família que temos e a família que desejamos.

Essa instituição – espaço de contradições, conflitos e harmonia, ao longo dos séculos –, tem sido defendida pela Igreja e pelo Estado, sobremaneira, para manter um *status quo* social.

4

Disponível

em:

https://www.youtube.com/watch?v=hXY4DY_8UpI&list=PLXxkjHl4ts0PZmEmTA1DfWb3WzsdPMtpv&index=19. Acesso em: 28 dez. 2023

Para mantê-la intacta, já foram cometidas inúmeras atrocidades, na realidade ou na ficção. A *Casa* de Natércia é, pois, uma testemunha ocular e auricular das relações familiares das/os moradoras/es que a habitam. Tais relações podem gerar impactos (positivos ou negativos) em suas/seus membras/os. A trajetória individual de cada personagem e suas escolhas impactarão na existência das demais personagens e, conseqüentemente, na dinâmica da família.

Essas relações são marcadas por feridas e silenciamentos na vã tentativa de “apagar” manchas, ou, simplesmente, porque as/os envolvidas/os não sabem lidar com situações conflitantes. Sobre elas tratamos na seção seguinte.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 As Relações familiares em *A Casa*

No romance *A Casa* (1999), temos uma família com “tantas gerações” (Campos, 2004, p. 32). Assim, as/os moradoras/es vão chegando, e por meio da narradora diegética e onisciente, **a própria Casa**, é que ficamos sabendo de suas histórias e dos conflitos enfrentados.

Seu primeiro dono, cujo nome não é citado, aparece tão somente nas memórias da *Casa*, que ainda é capaz de escutar sua voz, chamando sua terra de “o Minho”, de “pasto dos deuses [...]” (Campos, 1999, p. 18). Descobrimos que o criador da casa é um português, já que o Minho é uma região do Norte de Portugal. É justamente de lá que vieram a maioria das/os portuguesas/es, as/os minhotas/os, que colonizaram o Brasil. Salientamos que a autora é neta de um português – Francisco José Gonçalves Campos –, que também aparece citado na obra.

O idealizador da casa gostava de citações em latim: “*Astra movente hominis, sed Deus astra movet [...]*” (Campos, 1999, p. 19). Pelas memórias da narradora, somos apresentadas/os a um homem que veio de longe, sob a proteção do “Cruzeiro do Sul” [...], em busca de um Novo Mundo” (Campos, 1999, p. 19). Gostava de falar sobre os santos do dia, as estrelas cadentes, a Via-Láctea, a Natividade, os lutos e penitências da Quaresma. O tom intimista da narradora reproduz o sentimento de saudade de um português em terras brasileiras, que vivencia um conflito interior.

Assim como a Literatura, a vida é baseada em conflitos. No senso comum, conflito pode ser entendido como “luta”, “combate”, “embate”, “enfrentamento”. São os choques entre o que queremos e a realidade circundante que fazem nascer os conflitos dos quais nenhuma/um de nós pode escapar. Amar sua terra natal e morar em outra é uma experiência árdua. A forma encontrada pelo primeiro dono da *Casa* para não sucumbir à tristeza foi contar sua própria

história para não se esquecer dela e deixar que aquelas/es que estavam ao seu redor conhecessem mais sobre si.

Depois dessa passagem, *A Casa* nos conta que ficou fechada durante um longo tempo, um período de “[...] estranha solidão de sons, pios e vozes” (Campos, 1999, p. 23), provavelmente em decorrência da seca. Datam do século XVI os primeiros registros das secas no Nordeste brasileiro (Teixeira; Albuquerque; Paula, 2020). Não obstante, para além de um problema climático, a seca é um evento que gera dificuldades de ordem social e educacional para a população, além de não permitir o desenvolvimento da agricultura e da criação de animais. A falta de água afasta as pessoas de suas residências; acima de tudo, gera penúria, como observamos em muitos romances da Literatura Brasileira como, por exemplo, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz.

Uma das primeiras secas na região Nordeste data entre 1580 e 1583, prejudicando fazendas e engenhos e fazendo com que aproximadamente cinco mil indígenas saíssem pelo Sertão em busca de água e comida. No século seguinte, as/os chamadas/os “sertanejas/os” passaram a ocupar a região conhecida como o “Polígono das Secas” – parte de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e o norte de Minas Gerais.

Não é à toa que a seca é um dos temas mais recorrentes de nossa Literatura em romances como: *A Fome* (1890), de Rodolfo Teófilo; *Dona Guidinha do Poço* (1891), de Manuel de Oliveira Paiva; *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio; *Aves de Arribação* (1913), de Antônio Sales; *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes; *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado; e *Os Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego. As secas e suas trágicas consequências têm sido algumas das causas para o entrave para o desenvolvimento dessa região, já que faltam políticas públicas efetivas para acabar definitivamente com a falta d’água. As questões climáticas foram responsáveis, na obra em destaque, por distanciar as/os moradoras/es da *Casa* de si própria. Neste caso, há lacunas não conhecidas pela/o leitora/or nas relações entre as/os moradoras/es durante esse período de ausência.

Ainda na ficção de *A Casa*, além da seca, vieram os morcegos, que se alojaram em seus caibros. Tempos depois, as/os moradoras/es retornaram sem se aperceberem de tudo que *A Casa* havia passado. Ela compreendeu que “[...] os homens não percebem o que lhes pode suceder dentro de suas casas...” (Campos, 1999, p. 24). A não percepção das/os moradoras/es do que acontece dentro do lar gera, muitas vezes, conflitos difíceis de serem resolvidos, especialmente quando as famílias são grandes e cada uma/um, muitas vezes, procura responsabilizar o Outro pelo fato negativo acontecido.

Uma das primeiras moradoras de quem temos notícia n’*A Casa* é a doce Tia Alma, “[...] assim chamada por seus sobrinhos por ser delas [das almas] devota [...]” (Campos, 1999, p. 25). Desde pequena, aprendera com a mãe a encher as horas e o tempo. Sua genitora não conseguiu realizar a longa travessia entre Portugal e o Brasil. Apenas Tia Alma e os sobrinhos vieram para terras de além-mar. Batizada de Maria, ainda quando criança, nos braços da mãe, um vento que passava a fizera adoecer: “Ficara entregue à eterna peleja entre a Vida e a Morte” (Campos, 1999, p. 26). Não morreu, mas demorou a andar, a falar e “[...] um leve ar atoleimado e feliz aflorou no seu rosto” (Campos, 1999, p. 26). Sua condição abobada não permitiu que Tia Alma se casasse.

É preciso salientar que a união entre duas pessoas que desejam ficar unidas pelo amor é, na verdade, uma condição recente. Desde a Antiguidade, eram os pais os responsáveis pela escolha dos pretendentes das filhas. O casamento não passava de um contrato formado por duas famílias para a preservação de seus bens. Comumente, o amor não era considerado nesses contratos e, muito menos, a volição das/os nubentes. Casar-se significava a coroação de uma aliança familiar não só para preservação de bens, como supradito, mas também para geração de descendentes. Em nossos dias, na grande maioria das sociedades ocidentais, as pessoas se declaram umas para as outras, decidem se querem ou não ficar juntas e, sobretudo, se lhes apetece gerar descendência. A mulher era parte integrante do patrimônio familiar – e o é ainda hoje em partes da África e Ásia de maneira legitimada –, já que ela chegava à família do marido por meio de um dote, com a missão de cuidar do lar, se seu cônjuge e procriar a partir dele.

Segundo Philippe Ariès (1978), foi com a Modernidade que surgiram as mudanças da instituição casamento. O que prevalece desde então, via de regra, é o amor individual entre as partes envolvidas. Esse novo elemento chamado “amor” criou expectativas e inúmeros conflitos entre os casais. O fato de não ter se casado levava Tia Alma a perguntar a si mesma: “Oh minha mãe, que cousa é casar? – e tentava mudar o tom de voz para ficar mais forte na resposta: – Chorar, parir e fiar” (Campos, 1999, p. 26).

Sobre as mulheres greco-romanas, que representam os ecos de uma tradição de educação feminina de forramento aristotélico e misógino, Alföldy (1989) declara que, desde o seu nascimento até a morte, tinham seu destino traçado. Destaca a aliança conveniente entre as famílias, a submissão da futura esposa ao marido, além da virgindade – por isso a necessidade do noivado ser firmado em tenra idade. Quando casada, todos os bens dela passavam para as mãos do marido. Ele detinha autoridade sobre a esposa, as/os filhas/os e as/os escravizadas/os.

Tal realidade, infelizmente, aplica-se ao Ocidente ainda hoje, passados já mais de 20 séculos daquela realidade greco-romana/clássica. Del Priore (2003) fala da questão do

analfabetismo feminino, subordinação jurídica aos homens e de sua inexistência do ponto de vista político. O sistema patriarcal brasileiro, reforçado pelo sistema religioso (cristianismo), até pouco tempo atrás, tinha na mulher um ser tão submisso que o casamento era o seu destino, como pensava Tia Alma, cuja “vontade de casar” (Campos, 1999, p. 29) não saía de seu pensamento. Cuidou dos sobrinhos e afilhados e morreu centenária.

Bisneto é outra personagem que viveu muitos dilemas em *A Casa* devido à sua condição sexual: “Era o Bisneto ainda um menino quando com um primo mais velho, embaixo do vão da escada, praticaram a posse invertida... Era o Bisneto o invertido” (Campos, 1999, p. 29). No senso comum, invertido é tudo aquilo que sofreu alteração, oposto àquilo que é natural. O Bisneto é uma personagem homossexual, “criador” de conflitos para a família, já que sua condição “invertida” não é aceita.

Quando se fala em homossexualidade é preciso levar em consideração, além das questões biológicas, questões de ordem psicológica e social, como também o preconceito, o estigma e a exclusão imposta por uma sociedade adestrada para seguir os preceitos bíblicos. Até o século XX, os homossexuais eram enquadrados pela lei da “vadiagem⁵”, como forma de segregá-los da sociedade. A Igreja sempre viu a homossexualidade como um ato nefasto; por isso, criminalizou-o. É importante lembrar que o Brasil é o país com maior número de assassinatos dessa população (Grupo Gay da Bahia, GGB, 2018; 2019). Isso sem levar em consideração países que consideram a homossexualidade como crime: Afeganistão, Bangladesh, Catar, Arábia Saudita, Singapura, Sri Lanka, Síria e Emirados Árabes Unidos, entre muitos outros⁶.

Segundo relatos d’*A Casa*, a mãe do Bisneto comera fruta inonha, unida a uma outra. Por esta razão, a gravidez de gêmeos: um menino e uma menina. Mas ele foi o único que nasceu com vida, roubando assim, a delicadeza da irmã. Esse fato gerou inúmeros conflitos “[...] perante o pai, tios, irmãos e primos” (Campos, 1999, p. 34) que não o aceitavam tal como nascera. “Era seu pai o mais empenhado em modificar sua natureza, valendo-se da palmatória de cabiúna [...]” (Campos, 1999, p. 34). Até hoje, muitas famílias, ao descobrirem filhos homossexuais, procuram “livrá-los” dessa condição por meio da violência física, ou seja, o pai do Bisneto partia da crença que o comportamento invertido do filho era uma anomalia que

⁵ A Lei de Contravenções Penais, de 1942, configurava crime de vadiagem quem se entregava à ociosidade ou provinha sua subsistência de modo ilícito. Contudo, essa lei já aparecia no Código Penal de 1891, que taxava de vadio quem se expunha publicamente, como quem praticava a capoeira. Em 2012, a Câmara dos Deputados retirou da Lei de Contravenções Penais (Decreto-Lei 3.688/41) a punição para vadiagem (Nota das Autoras).

⁶ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/uganda-e-mais-seis-quais-sao-os-paises-onde-ter-lacoos-homossexuais-e-punido-com-pena-de-morte/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

poderia ser curada. Em sua concepção, a heterossexualidade seria o único padrão sexual aceito, tido como correto – espelhando o de seus contemporâneos, forjados na aridez desértica dos sertões.

No que diz respeito à temática, salientamos que no século XX, o discurso religioso cedeu espaço para o discurso científico, surgindo, assim, explicações racionais para a homossexualidade, incluindo a reversão dessa condição. Diante dessa conjuntura, apareceram abordagens voltadas para a “cura gay” (Mesquita, 2018). A partir disso, profissionais da Psicologia e da Psiquiatria começaram a oferecer, em seus consultórios, tratamentos que incluíam desde a ingestão de substâncias hormonais até o uso de eletrochoques (Mesquita, 2018). Portanto, tais profissionais têm uma dívida histórica com a população LGBTQIAPN+ por considerar como psicopatologia a sexualidade humana. Infelizmente, ainda hoje persistem várias tentativas de patologizar e criminalizar essa comunidade, que ecoa nossa/os antepassadas/os e suas práticas e vivências da sexualidade, que a depender do prisma pelo qual as miramos, soam convencionais ou não convencionais, tendo por base a ideologia hegemônica.

O Bisneto, além da violência física, “[...] apanhara por não querer ir com os irmãos assistir marcar com *ferro caldo o gado*” (Campos, 1999, p. 34), precisou ser excluído do seio familiar para não mais ter seu corpo violado: “O avô materno viera em seu socorro, passara a mão nos seus cabelos e afirmara em voz baixa; “*Quod a natura inest, semper inest*”. Dias depois subira levando o menino para sua outra casa, na fria Serra dos Ventos [...]” (Campos, 1999, p. 34-35). Foi com o avô que aprendeu a ler e a gostar de Botânica, fez amigos e se tornou padrinho de uma menina empelicada – “[...] crianças vindas ao mundo envoltas por esta membrana da sorte eram afortunadas. Tinham boa estrela” (Campos, 1999, p. 36). Embora sua vida fosse boa na casa da Serra dos Ventos, “[...] era na Trindades⁷ onde ele mais gostava de viver” (Campos, 1999, p. 36). Tornou-se herdeiro dos bens do pai, embora deserddado do seu amor.

Somente após a morte de seu protetor, pôde levar um “amigo” para Trindades, com aquarelas pintadas por ele da Serra dos Ventos. O pintor passava vários dias na sala pintando um retrato do Bisneto. “Na numerosa família da Casa Grande, alguns aceitaram os dois amigos sem maiores indagações e os que tentaram os exprobar tiveram seu ímpeto cerceado pelo próprio Bisneto [...]” (Campos, 1999, p. 37). Como se pode observar, levou muito tempo para que o Bisneto pudesse retornar ao seu lugar de origem e, ainda assim, nem todas/os o aceitavam tal como ele o era. Isso se configura como homofobia, práticas e discursos negativos e preconceituosos contra a pessoa não heterossexual. Sendo o Bisneto fruto de uma família

⁷ Trindades é o nome d’A Casa (Nota das Autoras).

patriarcal conservadora, as relações de parentesco foram pautadas na transmissão de patrimônio, não de afetividade.

Outro morador que gerou conflitos familiares foi Custódio⁸, cujo significado do nome – “guardião”, “protetor” ou “defensor” –, não condiz com seus atos. Filho de um “parto atormentado”, Custódio demorou a nascer. A parteira, sabendo que a criança “[...] vinha de face” [...] Forçou com violência a barriga para baixo e um grito desumano irrompeu daquela mulher quase menina” (Campos, 1999, p. 40). A dor foi tão grande que “[...] no momento sagrado do nascimento, ela amaldiçoou aquele filho” (Campos, 1999, p. 44). Demorou a ser batizado e, ao receber o nome do avô, “[...] o que prevaleceu pelo hábito foi o de Custódio, seu nome de pagão” (Campos, 1999, p. 44).

Cresceu cismado e furtivo, sempre procurando estar ao lado mãe, mas ele sentia sua rejeição nos gestos, não nas palavras. Ela ainda teve outros filhos e “[...] com estes aflorara o seu amor” (Campos, 1999, p. 45). A mãe esforçava-se para não fazer diferença entre ele e os outros irmãos, mas não conseguia. A falta de presença e afeto materno gerou dor e sofrimento nele, que fazia de tudo para chamar-lhe a atenção – fosse quebrando algo, caindo ou ferindo-se para ela socorrê-lo.

Como ele sabia que o pai viajava, encaminhava-se para o quarto dela e criou o hábito de “[...] deitar-se encolhido aos pés da mãe” (Campos, 1999, p. 45). Ficava acordado, escutando o seu ressonar e sentindo o seu cheiro. Como tempo, tentou acariciá-la e notou que ela apenas mudava de posição. Esses foram os primeiros sinais do que estava por vir. Já homem, deitou embaixo da cama dela e adormeceu. Mas um gato acabou por denunciá-lo e ela acordou assustada com Custódio transtornado, abraçando suas pernas e “[...] dizendo-lhe coisas com voz rouca a crescer em falsete” (Campos, 1999, p. 46). Como se não bastasse, tentou beijá-la. Uma ama acordou com o barulho e entrou no quarto. As duas mulheres conseguiram contê-lo. A mãe pediu à ama que ninguém soubesse desse comportamento do filho, mas ao clarear o dia, “[...] as mulheres da cozinha já sabiam pela ama o que ocorrera naquela noite” (Campos, 1999, p. 46). Espaços com muitas pessoas, dificilmente mantêm as histórias em segredo.

Tal acontecimento nos faz lembrar do Complexo de Édipo, período conflituoso vivido na primeira infância, conceito criado pelo psicanalista Sigmund Freud, o Pai da Psicanálise, baseando-se na tragédia de Sófocles. No mito grego, Édipo, filho de Laio, rei, e Jocasta, rainha de Tebas, recebe uma profecia ao nascer: matará o pai e se casará com a mãe. Os pais, temendo o vaticínio, abandonam a criança. No final da narrativa, contudo, há a concretização da tragédia.

⁸ Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/custodio/>. Acesso em: 4 nov. 2023.

Damasceno (1987), ao estudar sobre a temática, cita um texto de Freud “Três Ensaio sobre uma Teoria da Sexualidade”, de 1905, sobre as fantasias que as crianças desenvolvem em relação a determinados objetos de amor infantis; dentre eles, os próprios pais. O sentimento de Custódio por sua mãe levou os pais a construírem um quarto fora da casa e para lá ele se mudou. Ninguém estranhou e/ou perguntou o porquê.

Assim como a mãe de Custódio, Cosma, que trabalhava n’*A Casa* desde sua fundação, foi outra das mulheres cujas relações familiares mudaram a sua existência. Quando ela usava o rosário no pescoço, era uma Cosma, mas desde que colocou “[...] o ouro da aliança de casamento, começou seu sofrimento...” (Campos, 1999, p. 47). Seus desgostos não necessariamente foram causados pelo marido, mas pela preocupação com os filhos “[...] que não têm idade nem tamanho no coração da gente” (Campos, 1999, p. 47). Cosma, na intenção de fazer o melhor, castigava-os “[...] para mais tarde serem bons” (Campos, 1999, p. 47). Ela acreditava que “[...] sem temor não há respeito” (Campos, 1999, p. 47). Essa forma de criação, baseada na Pedagogia do Medo, ainda é muito presente entre nós, apesar da relação dialógica que vem se construindo entre gerações desde antes da aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), onde as/os mais jovens encontram bastante mais acolhida e escuta ativa do que suas/seus antepassadas/os na mesma idade.

Sobre o tema, Philippe Ariès (1978) nos fala que, desde a Antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores. O sentimento de carinho pela infância e a preocupação com a Educação de pessoas jovens em formação surgiram com a Modernidade, quando a infância passou a ser valorizada. Ressalta esse teórico também que o respeito relacionado à vida infantil acontecia nas camadas mais abastadas da sociedade. Meninas e meninos que não estavam inseridas/os nas camadas mais nobres, cresciam à mercê da própria sorte. A ideia que temos da infância, com direitos e afetos incluídos, é, portanto, bem recente se tivermos por base a esteira da História da Humanidade.

Diferentemente de Cosma, que dedicou sua juventude para cuidar da prole, na Antiguidade, a Educação se dava pelas tarefas que as crianças realizavam junto ao universo adulto. Essa prática foi continuada no Medievo adentro e foi muito debatida quando da Revolução Industrial, já no século XIX, sob o olhar atento de intelectuais vanguardistas, que defendiam os direitos inexistentes de crianças e mulheres que eram oneradas com trabalhos penosos e parcamente alimentadas e remuneradas para fazê-los.

As filhas de Cosma, segundo ela, seguiram o caminho da própria mãe: “[...] e como castigo casaram menores de idade, na minha mesma sina” (Campos, 1999, p. 47). Quando o casamento ocorre antes dos dezoito anos, estamos diante do casamento infantil. Trata-se de uma

prática que afeta primordialmente o gênero feminino, além de ser uma forma de violência. As consequências desses casamentos precoces são desastrosas, já que acabam afastando as meninas da escola e, conseqüentemente, do mercado de trabalho. Suas vidas ficam ainda mais restritas ao ambiente doméstico, principalmente quando engravidam. Por isso, a personagem Cosma diz se tratar de uma sina. Quanto aos seus “filhos machos”, termo usado pela personagem, apenas um não vingou, “[...] sempre foi ele arredio, arengueiro e de pensar infeliz. Há numa ninhada sempre um ovo goro” (Campos, 1999, p. 48). Esse “ramo torto familiar” é tão antigo quanto a própria Humanidade.

Cosma, como uma matriarca sábia, diz para a mãe de Custódio: “[...] conforme-se. O seu filho nasceu assinalado, já dificultando o seu próprio viver” (Campos, 1999, p. 48-49). Assim ele cresceu, tornou-se um homem e o trabalho pesado junto ao pai fez parecer que tudo não passou de uma fase ruim. Mas os dilemas dessa família continuam. Um dos irmãos de Custódio, o mais arisco, casou-se com uma moça bonita e de dentes perfeitos, que trazia entre suas qualidades a “[...] arte de arrumar, pôr em ordem e manter sempre limpos quartos e salas” (Campos, 1999, p. 49). As outras noras “[...] não faziam este serviço caseiro, valiam-se das amas e das mucamas” (Campos, 1999, p. 49). Questões históricas e sociais, a partir do pretense privilégio biológico, colocou os sexos feminino e masculino em posições desiguais. Ao homem coube o papel de provedor do lar. À mulher, o de geradora de filhas e filhos e cuidadora do lar.

A mania de organização da jovem, a princípio, foi vista por todos como uma virtude; depois, começou a causar desconforto entre os familiares: “Era minuciosa nos detalhes. Possuía um senso agudo de percepção e assim objetos e mobílias foram retirados de seus pousos e colocados em novos lugares por elas escolhidos” (Campos, 1999, p. 50). Em seguida, começou a cortar e costurar roupas na medida exata. Não satisfeita, passou a cuidar do jardim. Com o tempo, “Maria resolveu estender suas mãos sobre a cozinha da Casa Grande, onde imperava a velha Jacinta” (Campos, 1999, p. 51). Mas as mulheres que ali trabalhavam se insurgiram contra Maria e ela “[...] não pôde mudar o que há muito prevalecia” (Campos, 1999, p. 51), isto é, “[...] velhos hábitos dificilmente serão alterados”.

Quem tampouco gostava da limpeza excessiva de Maria e do seu constante hábito de lavar as mãos era seu marido, que pedira a ela para ter um filho e a ele se dedicar. Como já dito, a maternidade, historicamente e de maneira compulsória e determinista, foi destinada ao sexo feminino. O discurso biológico de a mulher ser propensa à função de cuidadora e de sua pretensa submissão ao Outro ainda permanece muito forte em nossos tempos. Maria queria muito ter um filho, mas não sabia o porquê de ainda não haver acontecido com ela.

Emerenciana, uma das noras derradeiras, deu início às “[...] implicâncias contra aquela maneira de ser de Maria” (Campos, 1999, p. 52). Divertia-se em ver a cunhada agitada. Pedro, marido de Emerenciana, é que não gostava e fez um apelo para que sua esposa não tornasse Maria ainda mais nervosa. Contudo, com o grande dote de Emerenciana, Pedro precisava lidar com sua má criação. Filha única, nascera com um defeito na perna. Enquanto o pai fazia de tudo para corrigir o coxear da filha, esta foi crescendo marcada pela falta de indulgência e pelo egoísmo.

Na primeira vez que visitou Trindades, viu e se apaixonou por Pedro. Decidira que ele seria seu. Os longos vestidos ajudavam a disfarçar seu problema na perna. Sua maneira de ser e sua desenvoltura a destacavam dentre as outras mulheres. Uma noite, quando todos dormiam, Emerenciana entrou no quarto de Pedro e deitou-se ao seu lado. “Ninguém soube, mesmo muito depois, que ela assim agira” (Campos, 1999, p. 53). Pedro pediu-a em casamento. O ouro deu a Emerenciana “[...] força no mando, nos ditos despóticos, na língua ferina” (Campos, 1999, p. 53). Tem um ditado popular que se aplica a tal personagem: “Quem tem ouro, dita as regras”. Ela teve três filhas e uma delas, a do meio, reproduziu a mesma cena da mãe ao desejar e casarse com o noivo de uma prima. Nas mãos de Maria, *A Casa* foi “[...] escavada, pintada e envernizada” (Campos, 1999, p. 53). Nas de Emerenciana, foram realizadas reformas “[...] que tanto deformaram as originais linhas da Trindades” (Campos, 1999, p. 53).

Cada uma das moradoras acabou por alterar o ritmo e a estrutura da Casa, de tal modo que a identidade dela foi posta à prova. Uma certa manhã, Maria apareceu com enjoo e confirmou que suas regras haviam cessado. Todos comemoraram o filho há muito esperado. Contudo, é *A Casa* a única que tem conhecimento de que aquele ventre vazio havia crescido e inchado “[...] fruto único e desordenado da bela Maria” (Campos, 1999, p. 54). O que Maria teve foi, na verdade, uma gravidez psicológica. Em uma noite de mais absoluto silêncio, Maria cometeu suicídio. “Desde então a casa Grande tornou-se mal-assombrada” (Campos, 1999, p. 55). Se o papel social mais importante da mulher era a procriação e a personagem não podia gerar, optou pela morte como uma forma de se livrar do fardo imposto ao sexo feminino.

O Bisneto, ao saber desse trágico acontecimento, desceu da Serra dos Ventos. Coube-lhe contar sobre o próximo casamento da família – entre Eugênia, sua sobrinha empelicada, e Custódio, que passara a morar com o Bisneto depois de haver “atacado” a mãe. Ela foi bem acolhida pelos sogros. “Eugênia e a mãe de Custódio fitaram-se emocionadas e abraçaram-se. Ambas haviam se casado com a mesma idade” (Campos, 1999, p. 58). Foi pelo casamento que aquele filho pródigo retornou ao lar. Tiveram três filhas: Ana, Beatriz e Elvira. A mais velha era a única emotiva e mais calada. Ninguém entendia o porquê. O pai a tratava com

intransigência na frente dos outros, mas a sós, falava-lhe com a voz rouca. Foi *A Casa* quem viu Custódio, com as “mãos trêmulas”, tateando o corpo da filha. Dois anos depois, foi a vez de Beatriz, que se tornou “[...] a mais beata das Trindades” (Campos, 1999, p. 64). A menina buscou a fé como forma de se proteger do pai abusador. Para agravar a situação, Custódio perdeu “[...] uma permuta inconsequente” [...] “dos bens da família”, período em que começou a molestar a filha Elvira. A herança fez crescer as desavenças entre os irmãos e um “[...] ódio familiar que os levou à ruptura definitiva” (Campos, 1999, p. 65). A busca desenfreada entre os irmãos e suas esposas, além dos primos, pelos quinhões aos que cada uma e cada um achava que tinha direito, contribuiu para tornar as relações familiares ainda mais frágeis e inseguras.

Quanto ao abuso sexual infanto-juvenil, trata-se de um tipo de violência que traz graves consequências psicológicas, sociais, econômicas e políticas. Infelizmente é uma prática comum não só no Brasil, mas no mundo todo. Dado ao aumento de denúncias de casos, tem sido tratado como um problema de saúde pública. Padilha e Gomide (2004) afirmam que, quando ocorre dentro da família, o mais comum é o pai ou o padrasto cometerem a violência contra a filha ou enteada. A relação entre o abusador e a vítima é caracterizada por uma relação de poder, dominação, subordinação e ameaça por parte do agressor, que procura de todas as formas anular a capacidade de discernimento da vítima aprisionando-a física e emocionalmente. Isso explica porque Ana não denunciou imediatamente o pai, e Custódio valeu-se de sua posição para abusar de suas duas outras filhas.

Foram as contendas familiares por motivo de dinheiro que favoreceram Elvira a contar o que o pai fazia com ela, o que permitiu a Ana e Beatriz quebrar o silêncio: “Deram elas à mãe as respostas às perguntas que Eugênia jamais fizera pela impossibilidade de imaginá-las” (Campos, 1999, p. 65). Mais uma vez o silêncio imperou n’*A Casa*, mas dessa vez para preservar as meninas. Eugênia soube do fato ocorrido entre Custódio e a mãe dele quando ainda não era nascida. Nessa mesma semana, ela, com a benção da sogra, subiu com seus quatro filhos para a casa da Serra dos Ventos. Todavia, voltaria semanas depois com a morte daquela. Ao saber do fato, Custódio soluçou em desespero. “Desde o enterro da mãe deixara Custódio crescer a barba e o cabelo. Dera para rezar ajoelhado no oratório” (Campos, 1999, p. 67). A dor pela partida de um ente querido deflagra uma sensação de vazio e escuridão em qualquer pessoa, sobretudo, num filho apaixonado e rejeitado pela própria mãe.

Eugênia e Bisneto demoraram sete dias em Trindades, “Tempo necessário para sentir que indagadores e reprovadores eram os olhos sobre ela” (Campos, 1999, p. 67). Todos queriam saber o que acontecera para ela abandonar o marido e se mudar para outra casa com o padrinho.

Quando ela retornou para a Serra dos Ventos, levou com ela “[...] o eco dos falatórios do seu proceder” (Campos, 1999, p. 67). Preferiu Eugênia os falatórios à exposição de suas filhas.

E a morte continuou a esfacelar aquela família tão cheia de mágoas, brigas e dissabores. Após sua mãe, foi a vez de sua madrinha. Logo foi a vez do próprio Custódio. Somente muitos anos após sua partida, o Bisneto contou a um dos irmãos o que aconteceu com as três sobrinhas. “Este rejeitou o que ouvira, pois muito o assustara ter que aceitar que a pecha de loucura e de tara pudesse estar os seus de sangue [...]” (Campos, 1999, p.69). E mais uma vez a verdade foi sufocada.

E tempos depois, com a morte de Bisneto, “cessam” os conflitos familiares, pois nada mais restara n’A Casa além do silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Natércia Campos (1938-2004) foi uma mulher-escritora urbana, apaixonada pelo Sertão. Talvez para dar vazão a esse sentimento, criou o romance *A Casa* (1999), cuja trama desvela os conflitos familiares de moradoras e moradores de um solar construído “com esmero”, com materiais de qualidade: “carnaúba, troncos do jucá, daibirama, da braúna” (1999, p. 7). Tais matérias-primas permitiram que a morada, batizada de Trindades, pudesse sobreviver à estiagem, aos bandos de urubus e, até mesmo, ao descaso.

É a própria Casa, na condição de narradora e de *locus* narrativo, que conta os conflitos familiares que viu e ouviu por quase cinco gerações. Essa não é uma técnica na qual inovou; era usada por seu pai e foi muito debatida por nós, Filhas e Filhos de Avalon em alguns momentos de nossos encontros – especialmente no que foi dirigido a Virginia Woolf, na I Edição. Em *To The Lighthouse (O Farol)*, publicado primeiramente em 1927, Woolf utiliza-se dessa edificação como narradora.

As mulheres do solar de Natércia na obra analisada são marcadas por angústias – tanto pelo que viveram como por aquilo que deixaram de viver, como é o caso de uma das primeiras moradoras, Tia Alma. Como sua mãe não conseguiu chegar ao Brasil, foi Tia Alma a responsável por criar os sobrinhos, tarefa desempenhada de bom grado. O grande conflito da personagem foi o fato de não ter se casado, já que o enlace matrimonial, nos séculos XIX e XX, representava o destino “natural” para a mulher.

O segundo grande conflito que chega ao conhecimento do público leitor deste romance diz respeito ao personagem Bisneto, cuja sexualidade não era aceita pela família, motivo pelo qual sofreu violência física e foi afastado do convívio dos seus para morar com o avô na Casa

da Serra. Infelizmente, o Brasil não é um país aberto às manifestações de diversidade sexual, já que é um dos que mais matam a população LGBTQIAPN+, sendo o Ceará o estado onde mais se matam pessoas trans há 13 anos sucessivos⁹.

O terceiro conflito presenciado pela *Casa é de Custódio*, filho de um parto difícil, que quase resultou na morte de sua mãe. Foi um nascimento marcado por tanta dor que ela amaldiçoou aquela criança e, por mais que não quisesse, acabou por rejeitá-la. Custódio se tornou um menino introspectivo, cujo amor por sua genitora o fez tentar agarrá-la e beijá-la. Tal como Édipo, criado por Sófocles, Custódio, criado por Natércia, enxergava a mãe como objeto de desejo, sendo o responsável por causar dor e sofrimento àqueles que estavam à sua volta. Primeiramente, Custódio vai morar em um quarto fora das dependências d' *A Casa*. O fato de os outros irmãos não questionarem essa mudança denota a falta de diálogo entre eles. Depois, ele passa a morar na Casa da Serra dos Ventos, para onde fora expulso o Bisneto, dada a sua condição invertida. Foi lá que conheceu Eugênia e com ela se casou. Passaram a residir em Trindades e tiveram quatro filhos: um menino e três meninas. Abusou das três. Pouquíssimas pessoas ficaram sabendo do ocorrido.

O quarto conflito diz respeito a Maria, que tanto gostava de cuidar d' *A Casa*, talvez como forma de suprir a carência de não ter um filho. Quando achou que estava grávida, sua vida se transformou, mas logo percebeu que a gravidez não passava de fruto de sua imaginação. Não sabendo lidar com tal situação, preferiu a morte a ter que enfrentar a tristeza do marido e o falatório das outras mulheres, especialmente de Emerenciana, mulher de gênio forte e egoísta, que usava seu tempo e sua posição social para ferir aqueles que estavam à sua volta.

As relações familiares vivenciadas pelos moradores de *A Casa* não foram fáceis, tampouco saudáveis. Marcadas pelo preconceito, violência e silenciamento, cada personagem, a seu modo, procurou sobreviver ante os acontecimentos de dor e de angústia. No final de tudo, restaram as lembranças da *Casa* de todos os eventos que ela presenciou e a certeza de que seu fim se aproximava com a construção de uma barragem.

REFERÊNCIAS

ALA FEMININA DA CASA DE JUVENAL GALENO. Disponível em: <http://www.casadejuvenalgaleno.com.br/p/ala-feminina-da-casa-de-juvenal-galeno.html>. Acesso em: 8 nov. 2023.

⁹ Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 8 nov. 2023.

ALFOLDY, G. *A História social de Roma*. Lisboa: Ed. Presença, 1989.

ALMEIDA, Â. M. de. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987.

ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BRASIL. *Lei 13811/19*. Confere nova redação ao art. 1.520 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), para suprimir as exceções legais permissivas do casamento infantil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2019/lei-13811-12-marco-2019-787790-norma-pl.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+; CLP aprova Seminário sobre o tema*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 22 set. 2023.

CAMPOS, N. *A Casa*. Fortaleza: Editora: UFC, 2004.

DAMASCENO, R. N. Revendo o Complexo de Édipo. In: *Rev. de Psicologia*, Fortaleza, vol. 5, n. 1, jan.-jun., 1987, p. 1-8.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

MESQUITA, D. T. *Análise das concepções e práticas de psicólogas (os) frente às normativas do conselho federal de psicologia sobre diversidade sexual e de gênero*. 2018. 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/6821/1/danieletrindademesima.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

MOTA, L. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edésio, 1938.

PADILHA, M. G. S.; GOMIDE, P. I. C. Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. In: *Estudos de Psicologia*, vol. 9, n. 1, 2004, p. 53-61.

PINHEIRO, E. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. *Brasil de Fato* 20 Anos. São Paulo, 23 de janeiro de 2022, às 11:06. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 8 nov. 2023.

PRIORI, M. del. *Mulheres no Brasil Colonial*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TEIXEIRA, B.; ALBUQUERQUE, C.; PAULA, E. de. *Os Profetas*. Pelo observar da natureza e o desejo de chover. João Pessoa: Gráfica Santa Marta LTDA, 2020